

NO PINTCHA



ÓRGÃO DO MINISTÉRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA — TELEFONES: 3713/3726/3728 — BISSAU

EM DEBATE: COOPERAÇÃO COM PORTUGAL



Guiné-Bissau e Portugal estão empenhados no reforço da cooperação em diversos domínios. Esta vontade ressaltou das intervenções dos chefes das duas delegações à reunião da Comissão Paritária, iniciada quinta-feira em Bissau, à qual se segue a da Comissão Mista, inaugurada esta manhã, no salão de reuniões do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

(Ver pág. 8)

CONGRESSO DA CNMG



ver pag-2

SAMBA LAMINE VOLTOU DA ONU

Depois de representar a Guiné-Bissau na 37.ª sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas, regressou a Bissau na quinta-feira, o Ministro dos Negócios Estrangeiros, camarada Samba Lamine Mané.

O chefe da nossa diplomacia discursou perante o fórum internacional e foi recebido pelo Secretário-Geral da ONU, Javier Perez de Cuellar, a quem felicitou pelo relatório «enérgico e realista» apresentado sobre a organização.

Samba Lamine Mané contactou com os seus homólogos de vários países e concedeu entrevistas à Rádio das Nações Unidas sobre actualidade da política internacional e situação no nosso país às quais faremos referência na próxima edição.

REFORÇADAS RELAÇÕES COM FRANÇA E ITÁLIA



O Chefe de Estado guineense ao ser recebido pelo Papa João Paulo II

SAÚDE MARIA VISITA BARCO DE PROSPECÇÃO PETROLÍFERA

O Primeiro-Ministro, camarada Saúde Maria, visitou na tarde de quinta-feira, o navio de prospeção geofísica, da companhia americana «Digicon Geophysical», que se encontra no país para iniciar a segunda fase dos trabalhos de pesquisa petrolífera na nossa zona marítima.

O Chefe do Governo, que se encontrava acompanhado dos ministros Paulo Correia, do Desenvolvimento Rural, Joseph Turpin, dos

Recursos Naturais, Manuel Santos, dos Transportes e Turismo, João Cruz Pinto, da Administração Interna, Função Pública e Trabalho e Av'to José da Silva, da Educação Nacional, foi recebido a bordo pelo embaixador dos Estados Unidos da América, Peter John Voss. O Primeiro-Ministro foi informado pormenorizadamente do funcionamento e potencialidades daquela unidade petrolífera, pelo seu comandante Roger Welch.

NOBEL DA LITERATURA PARA GARCIA MARQUEZ (ver Suplemento)

Árbitros não vão ao interior do país

Camarada Director:

Aceite esta minha carta no vosso/nosso jornal, na coluna dos leitores, porque visa criticar algumas falhas verificadas no decorrer do Campeonato Nacional de Futebol.

Como sabemos, já deu início o Campeonato Nacional de Futebol da época 82/83, com a presença de todas as equipas. Para começar, pergunto quem é responsável pela deslocação dos árbitros para o interior do país?

Falando da deslocação dos mesmos para algumas regiões do país, constata-se que isso só se verifica nas zonas que possuem facilidade de meios de acesso: Bafatá, Gabú, Canchungo, Farim, Bula, Bissorã e Mansoa. Para as equipas do Sul, em particular, Tombali que sempre foi vítima nesse aspecto, os árbitros só lá vão quando se trata de desafios com o Benfica, Sporting e UDIB. Noutros desafios a comparência de árbitros é nula.

A Comissão Central de Árbitros, deve providenciar perante instâncias superiores do nosso desporto, em particular, do futebol para que sejam garantidas as deslocações dos árbitros ao interior do país. Entretanto, a região de Tombali é uma região afastada, mas a sua equipa não falta aos jogos de campeonato para assim poder cumprir o calendário.

Quando os árbitros não comparecem, as duas equipas são obrigadas a escolher um árbitro conforme a lei para dirigir a partida, mas isso implica muitos factores negativos, dos quais podemos destacar indisciplina no decorrer do desafio, clubite, e violência. O nosso futebol para ter o seu verdadeiro carácter é preciso combater as ausências constantes dos árbitros aos desafios.

Existem equipas que somam pontos sem ter jogado. Tudo isto são facilidades que posteriormente vêm prejudicar a nossa participação nas competições africanas.

Portanto, acho que para uma equipa se consagrar campeã tem de ser de facto com sacrifício, e não com facilidades.

Inácio António Fissá Mané
(Professor na Região de Tombali)

Pedido de correspondência

Mário Távira, jovem angolano de 19 anos de idade, deseja corresponder com jovens guineenses de idade compreendidas entre os 16 e 20 anos.

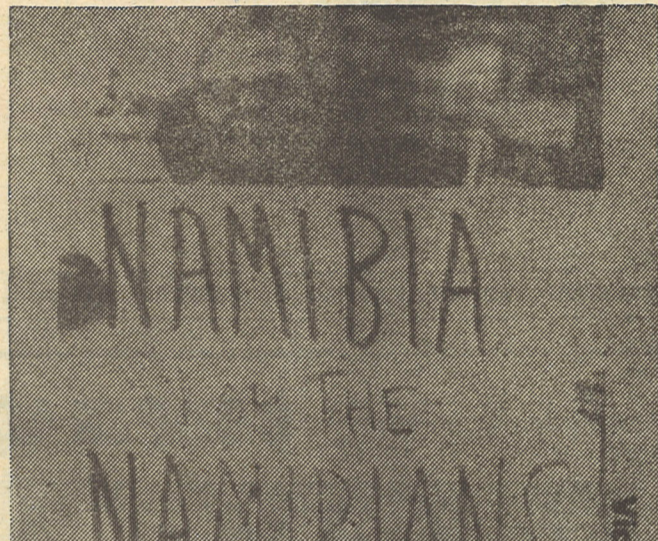
Os interessados devem escrever para o seguinte endereço.

Mário Távira, C.P. 288 — Malange, República Popular de Angola.

JAAC reforça relações com a juventude angolana

Num comunicado tendentes a debilitar a sua unidade, ao mesmo tempo que apelam à juventude africana no sentido de juntos dos seus governos trabalhem pela salvaguarda do instrumento da unidade africana, a OUA.

O comunicado exige a retirada imediata das tropas sul-africanas do território angolano e a cessação das manobras desestabilizadoras aos restantes países da Linha da Frente e reafirma a completa solidariedade das duas organizações juvenis aos patriotas da Namíbia e da África do Sul. As duas partes exigem por outro lado a aplicação integral da resolução 435 do Conselho de Segurança da ONU sobre a independência da Namíbia e consideram a exigência da retirada de tropas cubanas de Angola como uma flagrante violação das decisões soberanas de um Estado independente.



As duas organizações juvenis reafirmaram solidariedade com a Namíbia

DELEGACÃO DA JAAC NO EXTERIOR

Entretanto, uma delegação da JAAC, chefiada pelo seu secretário-geral adjunto, camarada Adriano Ferreira (Atchutchi), deixou Bissau no passado sábado com destino à União Soviética, RDA, Hungria,

Bulgária e Checoslováquia. A visita, que se realiza a convite das organizações congéneres desses países amigos, permitirá o reforço das relações de amizade e cooperação com esses países e a busca de novos campos para o alargamento dessa cooperação.

Mulheres elegem delegadas

As Mulheres elegem esta manhã, em todo o país, delegadas ao I Congresso da CNMG, (a realizar de 3 a 7 de Novembro próximo) durante as Conferências Regionais que decorrem nas sedes das diferentes regiões.

No Sector Autónomo de Bissau, os trabalhos decorrem no salão do Secretariado do PAIGC, sob a presidência da camarada Maria Augusta Men-

des, membro da Comissão Nacional e primeira responsável do Comité das Mulheres do S.A.B.. Ao longo da I Conferência de Bissau, para além da escolha das delegadas, será apresentada informação sobre os preparativos do Congresso, estando prevista a presença, no referido fórum, da camarada Francisca Pereira, do Comité Central do

Partido e Secretária Nacional da CNMG e também do camarada Francisco Sifna, Secretário da Organização do Partido no S.A.B..

De referir que, nas capitais das regiões, as Conferências decorrem sob a orientação de coordenadoras, que para o efeito se deslocaram de Bissau na passada quarta-feira.

Inspeção

Decorre na região de Bafatá uma inspeção aos serviços alfandegários.

Para o efeito, encontra-se nesta zona leste, o Director-Geral das Alfândegas, camarada Nicolau Ramos, que é acompanhado de dois altos funcionários daquela Direcção Geral.

A referida delegação que já visitou Sarebacar, Cambadjú, e Fajonquito, terminados os trabalhos nesta região desloca-se a Gabú.

Responde o povo

O que acha dos roubos nas escolas?

Múltiplas reuniões foram feitas nas escolas do ensino básico complementar com vista à solução de certos problemas que afectam o seu bom funcionamento. Mas as decisões continuam a ser sabotadas por alguns cidadãos que ainda se aproveitam dos escassos meios postos à disposição das escolas entre os quais, cadernos, mesas, giz, para venderem ou usarem em suas casas. Num dos assaltos efectuados recentemente à escola primária 22 de Novembro, o ladrão levou objectos escolares num valor estimado em 45 mil pesos, pondo em risco o funcionamento normal das aulas, sobretudo aos que ingressam pela primeira vez nas escolas.

A propósito, o jornal ouviu alguns populares que responderam à questão: o que acha dos roubos nas escolas?

OS LADRÕES DEVEM PAGAR CARO

Feliciano Falcão — estudante do 3.º ano C. G., morador no Bairro Be-

lém — «Estes roubos de material didáctico nas escolas além de serem prejudiciais ao nosso Governo prejudicam mais aos alunos que o utilizam

diariamente. Os saboteiros aproveitam-se daquilo para seu uso pessoal. Actos desses não passam de falta de consciência, porque se essas pessoas fossem conscientes não o praticariam. Elas têm nas suas mentes que as escolas são do Estado, não do Povo, por isso tentam levar tudo. A meu ver, os que fcrem apanhados devem pagar caro pelos prejuízos causados, quer por eles ou não. Devem ser reforçados os guardas nocturnos para melhor protegerem os seus postos. Certas escolas, caso concreto do meu bairro «Cambanco», não oferecem condições

pedagógicas e sociais para estarem em funcionamento. Têm falta de cadeiras, carteiras, além do incomodo que é, ver os jovens do bairro jogarem aí, durante o funcionamento normal das aulas».

DEVEMOS REDOBRAR A VIGILÂNCIA

João José da Silva, subdirector da escola do comité de Bandim I — «Para evitarmos roubos nos estabelecimentos de ensino, temos que redobrar a nossa vigilância. Não devemos deixar tudo com os polícias e guardas nocturnos. No ano transacto, a minha es-

cola foi vítima de um assalto, mas nada levaram, a não ser «crintins». Levamos sempre, à saída, o material didáctico de que dispomos, e entregamos aos vizinhos, visto que a escola não oferece condições de segurança. Sabotar a economia do nosso Estado, é sabotar a do nosso povo martirizado, e privado de instrução pelo colonialismo».

FALTA DE MATERIAL PROVOCA UMA FORMAÇÃO INCOMPLETA

José Manuel Fernandes, morador no Bairro de S. Luzia — «Os assaltos nocturnos às escolas

criam dificuldades ao país, dificultam a formação dos alunos. Deve haver uma estreita colaboração entre os Ministérios da Educação e do Interior para a preservação dos património estatal posto à disposição do nosso povo. Os guardas nocturnos muitas vezes estão indefesos, não podendo reagir às ameaças dos bandidos. Nada é difícil combater desde que sejam tomadas medidas adequadas. Devemos respeitar as nossas escolas porque daí é que sairão os futuros dirigentes desta terra».

Cinco lobos do mar ao Nô Praça

Tudo passa quando pisamos a terra firme

Depois de me ter despedido de um amigo, que ia embarcar para Cacine, e ao passar por um grupo de homens grandes, sentados à sombra do toldo de uma velha embarcação atracada na ponte cais, a minha curiosidade foi sacudida. O aspecto calmo, o ar seguro e confiante desses homens, chamaram a minha atenção.

Afinal, e como é habito e justo dizer-se um jornalista é jornalista 24 horas por dia. É já, pensei comigo.

Entre o abanar da cabeça e um gesto com as mãos, surgiu o diálogo. Cinco homens, todos eles, lobos do mar. Velhos capitães. Desde os tempos das lanchas à vela.

«Comecei a trabalhar como marinheiro na altura em que havia só lanchas que transportavam 30 a 40 toneladas, e nelas só iam quatro marinheiros», é o tio Artur António que recorda o seu baptismo nas águas turvas do Geba.

É ele quem interroga o repórter, «faz ideia do que é pilotar uma embarcação de 30 toneladas só com quatro homens e ainda por cima à vela?»

E quando não havia vento, perguntámos. «Olhe, quando não havia vento e se quiséssemos navegar, éramos obrigados a remar. Remar muito e mais forte que as ondas».

Joãozinho da Costa, para reforçar as palavras do tio Artur, lembra que nessa altura as lanchas navegavam só com a maré cuja duração é de seis horas. Passado esse tempo, a lancha era obrigada a fundear. «Lançar ferro até nova maré». Mas esses casos, sublinha, verificavam-se só até Bambadinca. Dali para a frente (Bafatá por exemplo) utilizavam outro sistema. O velho Joãozinho conta-nos como era:

«Na embarcação levávamos um pequeno bote que chegada a altura, era posto na água, para atingir a margem, onde a uma árvore, atavam uma corda que prendia o

barco. Depois era só puxar, puxar até encostar».

O vencimento mensal nesse tempo era de 150,00 escudos para o capitão da lancha, e 30,00 escudos para o cozinheiro. Esta situação só viria a alterar depois dos acontecimentos de 1959 — massacre de Pindjiguiti.

Sobre esse acontecimento, todos se encontravam no mar, à excepção do velho Artur que estava no porto de Bandim a descarregar e, quando chegou a Pindjiguiti já haviam consumado o massacre. «Fui eu

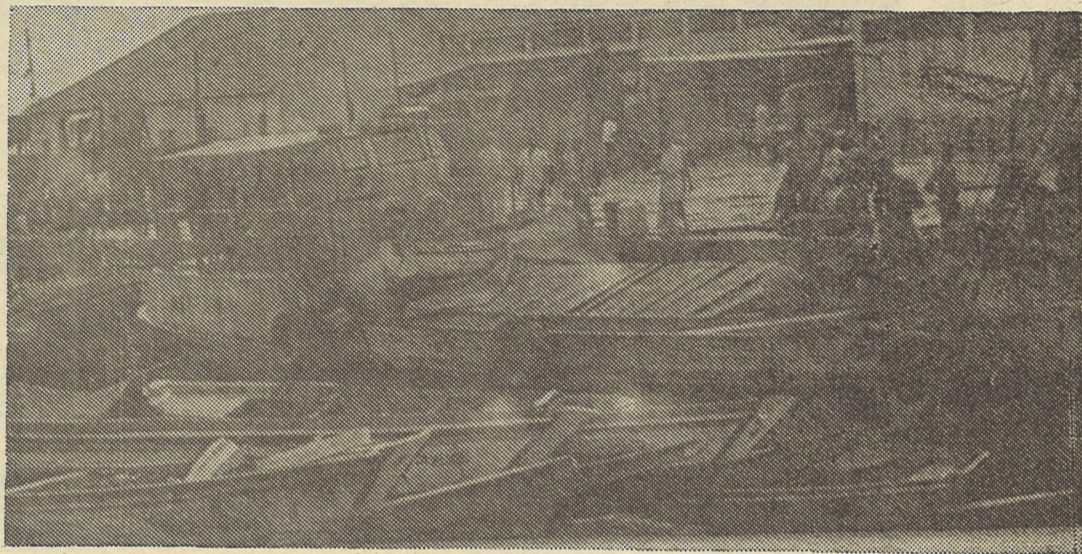
e mais alguns colegas é que retirámos os mortos e levámos os feridos para o hospital», recorda com amargura, sacudindo a cabeça.

Para o camarada Pezozinho, as dificuldades na vida do marinheiro, são muitas e há-os de várias ordens. Para ele o perigo maior provém da condição meteorológica. «Há dias em que o tempo torna-se tão mau, que nem sossego temos para preparar a comida. Mas quando se chega à terra firme, esquece-se tudo. Enfim é esta a nossa profissão»,

continuou Pedrozinho, dizendo que mudar de profissão para eles não dá. «Não sabemos fazer outra coisa. Mudar para outros barcos também não adianta, porque para além das pequenas embarcações dos Armazéns do Povo e da Socomin, só há alguns barcos privados mas o vencimento é o mesmo e nos das companhias mistas de pesca, não resolveria nada porque ali não há possibilidades de aumentarmos conhecimentos».

João da Costa um velho Combatente da Liberdade da Pátria,

diz-nos que neste momento há dificuldades nos portos do interior pois não oferecem as mínimas condições para atracar. Também se referiu à navegação nocturna que a seu ver está a tornar-se cada vez mais difícil, pois não há faróis, nem as habituais marcações que servem para sinalizar zonas de acidentes orográficos. Entretanto, a nossa conversa chegou ao fim pois a atenção dos lobos do mar é desviada para o toque da sineta que anuncia a distribuição de géneros alimentícios.



Cais de Pindjiguiti, local escolhido pelos lobos de mar na hora de «djumbai»

Acidentes de viação

Dois feridos, um grave e outro ligeiro, além de danos materiais nos veículos, é o balanço de sete acidentes de viação ocorridos de 6 a 19 do corrente mês.

Assim, nos dias 12 e 19 registaram-se dois casos de acidente por atropelamento. O primeiro ocorreu pelas 9,20 horas na Avenida 14 de Novembro. O condutor do veículo circulava em excessiva velocidade e ao passar próximo do prédio 146/1-A, colheu com o pára-choque da frente do lado direito um peão que na altura se encontrava de pé fora da faixa de rodagem do mesmo lado.

No segundo, ocorrido pelas 9,00 horas, na mesma Avenida, um veículo cujo condutor transitava com excesso de velocidade, ao chegar próximo do prédio n.º 54, atropelou com o guarda-lamas traseiro um peão que no momento tentava atravessar aquela Avenida.

Dos dois acidentes de viação registaram-se ferimentos ligeiros no primeiro e graves no se-

gundo, tendo ambos sido conduzidos ao hospital, onde o segundo ficou internado.

No dia 6, pelas 10,45 horas, na Avenida 14 de Novembro, um condutor transitava em estado de embriaguez, embateu no veículo CA 0141, que na altura circulava no mesmo sentido.

Nos dias 7, 10, 11 e 13, os acidentes de viação registados foram por desrespeito à aproximação da placa de prioridade da parte dos condutores, respectivamente nas seguintes horas e locais. No dia 7, pelas 9,30 horas, no cruzamento da Avenida Amílcar Cabral com a Rua n.º 7, o veículo CA 2193 foi embater num outro, (CA 2797) que na altura transitava na Avenida Amílcar Cabral.

No dia 10, pelas 10,30 horas, na auto-estrada em construção, uma viatura foi batida por uma outra que vinha circulando no mesmo sentido, por o seu condutor ter realizado a inversão de marcha sem qualquer atenção.

Coisas que acontecem...

«Dormir» debaixo da viatura sem rodas

O «Nô Praça» traz hoje aos seus leitores mais factos e episódios, dos muitos que acontecem na nossa capital.

ÁGUA — Elemento indispensável à vida do homem, a água é das coisas que não devem (não deviam, queríamos dizer!) faltar a qualquer lar, por modesta que ela seja. Mas, infelizmente, ela tem faltado e até a muitas casas, senão mesmo a bairros e vilas. É que, apesar dos esforços da CEABIS nesse sentido, há locais (caso concreto do Bairro da Ajuda), que parece, não é de agora. No entanto, noutros locais assiste-se a tanto esbanjamento... Vem este registo a propósito da dificuldade com que se depara nos últimos tempos qualquer cliente para conseguir um copo de água nos restaurantes. Quando não é a desculpa de cortes ou de que o precioso líquido «está quente», são os copos que não chegam para servir os clientes e que precisam ser lavados (ou passados simplesmente na água, como geralmente acontece). Será isso devido ao medo de concorrência às outras bebidas, que no entanto só aparecem esporadicamente?...

MEDICAMENTOS — Se conseguir medicamentos (certos, claro está) não tem sido coi-

sa fácil, gente há que os tem conseguido e em grande quantidade que até dá para revender. Isso acontece agora em Bissau (e quem sabe se também no interior) com os «nars». A coisa já não é novidade e ao que parece já alertou a atenção das autoridades. Como e onde conseguem esses medicamentos e quais as condições higiénicas, sobretudo, (para não falar de autorização) dispõem esses comerciantes para a venda de medicamentos?

ASSALTOS — O que não é caso para brincar e que já ultrapassa o limite da paciência, são os assaltos nocturnos a residências (e não só!) As proporções que as coisas assumiram já não dão para um indivíduo dormir com os olhos fechados. Um deve estar aberto. É que já não bastam as «limpezas» às residências. As atenções agora estão mais concentradas nas viaturas, que já é moda «acordarem» sem rodas, baterias ou mesmo cadeiras. A ganância é tal que um desses visitantes nocturnos teve a desventura de ficar a dormir para sempre debaixo da viatura ao tentar subtrair-lhe as quatro rodas. Portanto, caro leitor, a continuarem as coisas desta maneira a única alternativa que resta seria, talvez, levar a sua viatura consigo para a cama.

Os sectores agrícola, pesqueiro e industrial, com papel relevante na captação de divisas para o país, carecem, no entanto, de uma reestruturação e melhor orientação por forma a responderem cabalmente aos objectivos de recuperação económica preconizados pelo Conselho Económico



Uma política de desenvolvimento

Publicamos neste número, por só agora nos ter sido facultado pelas estruturas competentes, o discurso pronunciado pelo camarada Presidente, João Bernardo Vieira, no termo dos trabalhos do Conselho Económico, reunido recentemente em Bissau. O documento, que constitui uma radiografia da situação económica e financeira do país, aponta para as medidas concretas adoptadas por aquela instância e que visam o desenvolvimento integral e harmonioso do jovem Estado.

Os sectores da agricultura, caracterizado por «um nível muito baixo de produção e de recolha dos produtos», do comércio «que falhou redondamente no seu papel de dinamizador da produção agrícola» e das pescas, como fonte de divisas mas que se encontra «num estado lamentável» são alguns dos aspectos abordados no discurso.

O Chefe do Estado referiu-se ainda ao sector industrial e energético que acarretam «grandes dívidas externas» ao país, aos recursos naturais, cuja exploração se prevê para daqui a cinco anos e caracterizou a nossa balança de pagamentos de «cronicamente deficitária» o que origina sérias dificuldades no pagamento da nossa dívida pública externa, agravado por um orçamento deficitário em cerca de 50 por cento e que em sido coberto com emissões de moeda, apesar das consequências negativas que daí decorrem.

Chegámos hoje ao fim dos trabalhos do Conselho Económico, que durante uma semana reuniu sob a Presidência do 1.º Ministro, os principais responsáveis dos sectores económicos e um grupo de técnicos de reconhecido valor, perfeitamente identificados na busca da solução aos problemas actuais da nossa economia. Durante os nossos trabalhos, foram feitas análises lúcidas e profundas das realidades económicas do País e uma discussão franca e profícua dos problemas graves que se põem ao nosso País no plano económico e financeiro.

Ao caracterizarmos aqui a nossa situação económica e financeira, chegámos aproximadamente ao seguinte:

AGRICULTURA

Produção baixíssima proveniente quase exclusivamente da agricultura popular, especialmente cereais para consumo interno e oleaginosas para exportação. Ao mesmo tempo, pode-se constatar um nível também muito baixo na recolha de outros produtos agrícolas, como o coconote, cera real, etc., também exportáveis.

SECTOR COMERCIAL

Este sector constitui seguramente o elo mais fraco na cadeia do nosso desenvolvimento agrícola, já que a comercialização dos produtos agrícolas, como factor de dinamização da produção agrícola, falhou rotundamente. Deve-se dizer que uma parte apreciável dos produtos importados pelo País não são utilizados nos devidos circuitos de comercialização com as consequências nefastas para a nossa economia que todos conhecem. Além disso, acresce que compramos caro, que nem sempre vendemos ao melhor preço, que uma parte da nossa produção exportável é penalizada pela sua má qualidade (problemas de stocagem e outros).

PESCAS

A situação neste sector, que poderia ser um dos principais, senão o principal angariador de divisas do país, encontra-se de facto num estado lamentável;

a pesca industrial não tem contribuído em nada para a balança comercial e no mercado interno não há peixe, num país como o nosso, rico em recursos halieúticos. Os projectos de pesca artesanal ainda não atingiram dimensões que pesem no quadro económico do país.

SECTOR INDUSTRIAL

Quase que podemos afirmar que no sector industrial só há uma unidade importante que realmente funciona — A CICER — e mesmo assim com uma grande dívida externa, na medida em que depende de matérias primas importadas.

A indústria madeireira que poderia ser muito importante em matéria de divisas funciona mal e com rendimentos extremamente baixos.

ENERGIA

Este sector é o principal consumidor de divisas do país e pode-se caracterizar a sua precariedade com uma pergunta:

— Até quando conseguiremos crédito para custear o combustível?

RECURSOS NATURAIS

A Guiné possui boas potencialidades, mas parece-nos muito optimista contar com esses recursos a curto prazo, não nos parecendo possível apontar para horizontes aquém dos próximos cinco anos, no sentido de contar com os nossos recursos naturais como geradores de capitais para o desenvolvimento e mesmo de divisas destinadas ao consumo imediato.

BALANÇA DE PAGAMENTOS

Cronicamente deficitária em vários milhões de dólares. A não se tomarem providências imediatas, ver-nos-emos confrontados a breve trecho com sérias dificuldades para salvar os nossos compromissos financeiros no que diz respeito à dívida pública externa.

FINANÇAS PÚBLICAS

Orçamento deficitário em cerca de 50%. O déficit orçamental tem sido coberto com emissões de moeda com todas as consequências negativas que daí decorrem. É de notar que as despesas actuais do Estado são dificilmente (diríamos quase impossível) comprimíveis.

CRÉDITO À PRODUÇÃO E AO DESENVOLVIMENTO

Existe a níveis extraordinariamente baixos que não atingem o mínimo dos mínimos necessários.

Quadro bastante sombrio, sem dúvida, mas de forma alguma irreparável, se tivermos em conta as potencialidades reais e actuais do nosso país. Temos de ser capazes de produzir mais e melhor, exportar mais e aos melhores preços e importar o estritamente necessário aos preços mais favoráveis para continuarmos a existir como País independente e economicamente viável.

No sector agrícola, o Estado tem desenvolvido uma acção profícua no sentido de promover uma agricultura popular, prestando uma assistência técnica importante ao camponês, fornecendo-lhe factores de produção, melhorando os seus instrumentos de trabalho e introduzindo novos métodos de cultura e novas culturas. No entanto, se é verdade que essa direcção é correcta, que ela conduz à autossuficiência alimentar e à criação de excedentes exportáveis, também é evidente que os produtos exportáveis dos camponeses do nosso país são matérias-primas agrícolas pobres no que toca aos preços de venda no mercado internacional. Como promover outro tipo de agricultura de maiores rendimentos por superfície cultivada, produzindo géneros mais ricos e melhor comercializáveis no mercado externo? Como atingir os níveis técnicos e a qualidade e concentração da produção que tornem viável e rentável tal produção e exportação? A Europa continua a importar produtos agrícolas exóticos da África, e não devemos esquecer-nos que somos o país tropical com boas possibilidades agrícolas mais próximo da Europa.

Por outro lado, uma das maiores fraquezas senão a maior do nosso sistema produtivo é o comércio. Até agora o sector comercial não foi capaz de desempenhar o papel fundamental que lhe cabe como dinamizador da produção agrícola e pensamos que essa falha não provém apenas das nossas carências em divisas e portanto relativamente fraca capacidade de importação. O nosso sistema comercial não tem as estruturas adequadas à missão que lhe cabe, sendo necessário reestruturá-lo, adaptá-lo às necessidades do nosso desenvolvimento que exigem um aproveitamento máximo dos nossos recursos e consequentemente uma comercialização tão grande quanto possível de todos os produtos exportáveis do país, que a realizar-se mais que duplicaria as nossas exportações e traria um cer-

Remodelações na Cultura

Centros culturais em todas as regiões

- Gabu e Canchungo serão centros pilotos

As remodelações verificadas na direcção geral da cultura visam dinamizar as actividades culturais



Prémio Nobel da literatura

O Prémio Nobel da Literatura deste ano foi atribuído ao escritor colombiano Gabriel Garcia Marquez.

Romancista e jornalista, Garcia Marquez, de 54 anos, nasceu em Aracataca, na Colômbia, mas vive há dois anos no México, onde se exilou depois de ter sido ameaçado de prisão no seu país, onde se distingue também pelas suas posições progressistas.

Autor do romance «Cem anos de solidão», porventura a sua obra mais famosa, Garcia Marquez escreveu também outros livros de sucesso, como «Funerais da Mama Grande», ou «Ninguém Escreve ao Coronel».

Ao conceder o Prémio Nobel a Garcia Marquez, que lhe dá direito a cerca de 14 mil contos, a Academia sueca considerou que foi sempre objectivo do escritor colombiano mostrar «a vida e os conflitos de um continente».

UDIB-inconveniência de ser o único cinema da capital

Paludismo

ou

malária

a mesma

doença

o mesmo

combate

(pág-3)



(Ver página 4)

Grupo de dança de Pequim vem a Bissau

O Conjunto de Canto e Dança da Juventude de Pequim é esperado em meados do próximo mês em Bissau. O agrupamento, formado por 12 elementos, dará espectáculos em Bissau e no interior do País e terá encontros com artistas nacionais.

Dois cooperantes portugueses foram contactados para virem leccionar teatro e música na Escola Nacional de Arte «José Carlos Schwartz». Trata-se de um casal que ensinará às crianças os primeiros passos naqueles domínios.

Organização social na comunidade manjaca

(Ver pág-4)

A Pré-História guineense?

Antecipadamente aqui ficam expressos os meus agradecimentos pela atenção dispensada. Tendo em conta os esforços dispensados pela equipe redactora desse nosso jornal, no que diz respeito à criação dum suplemento cultural «bambaram».

Atendendo à carência de temas e obras que possam preencher essa página especial, de um certo modo menosprezada pelos jovens nacionais com cuja participação pouco ou na-

da se tem contado, deste canto do nosso continente onde me encontro como guineense que sou, prontamente atendo ao vosso apelo lançado respectivamente nos suplementos «bambaram» n.º 1 e n.º 5 do ano de 1982, cedendo todo o meu potencial a uma colaboração estreita contribuindo desse modo para que os vossos esforços se coroem de êxitos.

Tenta-Sorti — C. P. — 69 — S. Vicente-Cabo Verde

Nhampassaré—berço do passado

Pode-vos parecer inaudito este meu tema, mas é por entusiasmo e dedicação que venho aqui falar de uma parte da nossa história — «A Pré-História Guineense».

Se nomes tais como Império do Gabú, Cabral, Boé, Cassacá, Komo e tantos outros figuram nas páginas brilhantes da nossa história, porque esquecer NHAMPASSARÉ, DUBERE, FEFINE, DUCOLI, onde habita o passado do nosso passado. Não sou perito em estudos pré-históricos mas realmente a dedicação reforça o meu descortinar e leva-me a alertar o guineense sobre essa fase da nossa história que ricos objectos líticos cedeu — a embelezarem os Museus Arqueológicos e Antropológicos da ex-metrópole —, e tentei projectar uma realidade esquecida pelas preocupações e esforços despendidos na RECONSTRUÇÃO NACIONAL.

Não esquecer NHAMPASSARÉ.

De INTATCHA, em Bolama, à furna de NHAMPASSARÉ passando por FEFINE, DUBERE, BOÉ, herdamos nada mais do que parte da nossa história.

Recordamos que o primeiro instrumento pré-histórico encontrado na GUINÉ foi uma peça de pedra polida encontrada em 1882 na rua de INTATCHA quando se fazia a abertura de valas para serviços públicos.

Vinte e um anos depois, portanto em 1903, nas colinas da região de Boé, acharam-se centenas de objectos de pedra que eram de «labradorite», embora existissem opções para «delerito». Essa descoberta fez-se na altura em que se procedia a estudos de delimitação da fronteira por portugueses e franceses. Junto ao rio Cocoli e do seu afluente Fefine, após a destruição feita pelas queimadas, recolheram-se objectos líticos tais como pontas de setas, zagaias, lâminas, lascas talhadas, etc... Essas descobertas abriram, por assim dizer, o caminho às fre-

quentes missões arqueológicas e antropológicas.

A primeira missão partiu da ex-metrópole até à Guiné com a finalidade de estabelecer um plano de trabalho. A missão não logrou nenhum sucesso, mas persistiu e concentrou as suas atenções na ilha de Bissau e no arquipélago dos Bijagós, deixando para segundo plano uma caverna denominada «Furna de Nhampassaré» cujos dados tinham sido dispensados por um professor que já tinha actuado na referida caverna.

Nhampassaré, situada a cerca de 12 Km de Gabú, internada no mato a sul da estrada que liga Gabú-Bafatá, transformou-se, depois, no palco das pesquisas da missão.

A caverna abre-se num morro de grés, tem a entrada maior com cerca de 2,15 metros de altura voltada para norte. Essa entrada está ligada a um átrio bastante amplo onde partem corredores em várias direcções, alguns dos quais abrem-se para o exterior, outros são altos e as suas paredes estão polidas pelo roçar dos animais e feras que ali se acoitavam. Outros são tão baixos que para se deslocar no seu interior é necessário fazê-lo de rastos.

Isolada dessa caverna, mas aberta também no mesmo morro, há uma outra bem mais pequena que a anterior que não oferece interesse de maior. A princípio, a região deu-lhes um carácter estéril. Abriram uma vala de exploração, encontraram as primeiras peças de interesse (alguns fragmentos de cerâmica) e outros objectos líticos de três naturezas: dolerito, quartzo, grés.

Os fragmentos de cerâmica eram tão pequenos que se tornava impossível identificá-los como partes constituintes dum objecto. Os objectos de dolerito eram todos polidos e tinham formas de pequenas machados e de algumas lâminas. As peças de quartzo eram lascadas pertencendo aos seguintes tipos: pontas

de lança, trapézios, raspadores, etc., o que nos leva a pensar que o local de fabrico era o mesmo do achado, embora nas proximidades não tivesse sido encontrado nenhum veio de quartzo, situado, conforme a missão o veio a descobrir, a 30 Km de distância. Agora pergunta-se: terá sido transportada de longe para ser confeccionada na caverna que permitia maior segurança no trabalho?

Os objectos de grés eram todos percutores.

Para além da primeira vala aberta, abriram uma outra que lhes forneceu mais peças do género já descrito.

De Nhampassaré foi tudo. Resta-nos saber se as futuras missões saberão realizar uma exploração completa de toda a área que cobre o pavimento da caverna fazendo a sua remoção total.

Trata-se do mais importante foco de objectos líticos de toda a Guiné. A sua importância ultrapassou as nossas fronteiras alcançando a ordem do dia na II Conferência Inter-

nacional de africanistas ocidentais realizada em Bissau, que o soube prestigiar como parte-fonte segura para um levantamento histórico desta fase da nossa história. Este cantinho de terra, sem margens para dúvidas é detentora de parte pré-histórica da África Ocidental.

Deixamos questões tais como: que idade se poderá atribuir aos objectos encontrados nas diferentes áreas da Guiné? Que idade se poderá ceder às estações da Guiné?

Poderemos afirmar que a Guiné possui a parte pré-histórica da África Ocidental mais difícil de esclarecer.

Deixamos as questões acima expostas às futuras gerações de pre-historiadores que poderão dar um importante passo na complementaridade das pesquisas já realizadas.

Nhampassaré, Tabadora, Siai, poderão contribuir para um conhecimento mais perfeito e completo das culturas pré-históricas africanas.

S. Vicente, 21 de Setembro de 1982.

A satisfação que nos deu a carta deste conterrâneo residente no estrangeiro é motivo de reconhecimento pela sua dedicação e atenção que dispensa ao nosso jornal, particularmente ao «bambaram».

De facto, o leitor «Tenta Sorti» constatou um problema que a pouco e pouco tentamos suplantar, apesar da dura batalha que é: levar as pessoas a escreverem-nos para porem os seus problemas, narrarem factos, esplanar sobre qualquer assunto. Temos que reconhecer que a situação já foi bem mais bicuda...

Por isso lhe reafirmamos a nossa abertura total à contribuição dos nossos leitores e queremos, particularmente, agradecer-lhe o tema abordado esperando que seja longa e frutuosa a amizade que ora surge.

Um forte abraço.
do «bambaram»

NUBDADI

Um novo animal, o «khonorik», povoa actualmente as zonas verdes de Novossibirsk (Sibéria Ocidental): trata-se de um híbrido de toirfo e vison, criado pelos biólogos. Do primeiro herdou o focinho branco e o amor a escavar a terra; do vison, o prazer de nadar e mergulhar na água à procura de alimento. A sua pele é bastante original: espessa e castanha, por cima de uma penugem creme.

Mandioca O que é e como em África

A mandioca é uma planta que alimenta milhões de pessoas em África. Por isso nos parece útil apresentar neste artigo não só as principais características botânicas e agronómicas, a sua composição química e seu valor nutritivo, como, também a história provável da sua introdução em África. O artigo que ora apresentamos é baseado num outro publicado pela revista moçambicana «Tempo» a 15/8/82.

CARACTERÍSTICAS BOTÂNICAS E AGRONÓMICAS

A mandioca é uma planta arbustiva pluri-anual que pertence à família das euforbiáceas e à espécie Manihot esculenta Crantz.

Em obra datada de 1970, Gourou observava ser a África o primeiro produtor mundial de mandioca, à frente da América e da Ásia.

Considerada em 1971 uma das seis mais importantes culturas mundiais em função do volume de alimento produzido, a sua raiz constituía a base alimentar para 200 milhões de pessoas.

São geralmente considerados dois grupos: o das amargas e o das doces. Nas mandocas amargas a casca dos tubérculos tem a cor parda ou castanho-avermelhada. Existem, porém, muitas variedades: Favier considerava 300 e Leitão, em obra de 1971, afirmou ter encontrado 80 em Moçambique.

A mandioca pode desenvolver-se em todos os solos, mesmo os mais

mediocres, mas dá-se melhor nos que são fundos, soltos e permeáveis. Exige clima húmido, quente e insolação permanente, precisa normalmente de 1000 a 2000 mm de chuva anual e não suporta ventos fortes devido à fragilidade e às raízes superficiais.

A colheita pode efectuar-se no fim de 12 meses se os tubérculos forem doces e destinados a serem consumidos crus ou cozidos em água. Mas, geralmente, a colheita faz-se 18 a 24 meses depois. No entanto, muitos camponeses não esperam mais do que um ano para colherem a mandioca, do que resultava um baixo rendimento, responsável pela mudança constante de terra e, consequentemente, pela destruição da floresta.

A produção da mandioca depende da fertilidade da terra, da variedade empregada, do tempo de permanência no solo, da densidade de chuva, etc. Mas, regra geral, pode estimar-se o rendimento por hectare

Programa da UNESCO sobre a Informação

O Comité de Liberdade da Imprensa Mundial e o Instituto Internacional de Imprensa vão ser convidados a participar na Conferência Geral da UNESCO, que este ano aprovará o programa da organização sobre Comunicação Social para o período entre 1984-1989.

Uma recomendação neste sentido foi aprovada pela Comissão Executiva da UNESCO, tendo agora de ser apreciada na reunião da Conferência Geral prevista para Novembro/Dezembro, cujos membros decidirão se admitirão ou não representantes das duas organizações internacionais de Comunicação Social.

Alguns membros do Comité Executivo da UNESCO opuseram-se à presença, no encontro, do Comité de Liberdade da Imprensa Mundial e do Instituto Internacional de Imprensa, organizações que têm desempenhado um papel activo na preparação do programa da UNESCO em prol da «circulação livre da informação» e do desenvolvimento das comunicações no sector, nomeadamente a partir dos países do Terceiro Mundo para os países industrializados.

O director-geral da UNESCO, Amadou Mahtar M'bow, pronunciou-se a favor da admissão das duas organizações, tendo a Comissão Executiva recomendado que enviem observadores à Conferência Geral.

erá surgido

entre 8000 a 50 000 quilos, sendo frequente haver colheitas de 20 000 quilos.

Não está provado que a mandioca retire do solo mais nutrientes do que o arroz ou o sorgo. Retira, é verdade, mais potassa, mas o arroz e o sorgo extraem mais nitrogénio e ácido fosfórico. Contudo, parece que o alto consumo de potassa efectuado pela mandioca é responsável pelo carácter itinerante da agricultura tropical, de acordo com Jones William O., «Manioc in Africa». Se a mandioca for cultivada como género único e ficar livre do joio, a oportunidade de erosão do solo é igual à provocada por qualquer cereal. Mas se a mandioca for plantada com um ou mais géneros, a erosão pode ser mínima.

A mandioca é um tubérculo bastante compensador e Mirrado escrevia em obra de 1969 que se podia chamar «a cultura rica dos solos pobres porque até causa espanto como a planta consegue produzir tanto em terrenos de fertilidade tão baixa».

São muitas as vantagens agronómicas da mandioca.

Pode produzir mais calorías por unidade de superfície de terra do que qualquer outra cultura (em média, 250 000 calorías por hectare e por dia, enquanto o arroz só dá 176 000, o tri-

go 110 000 e o milho 200 000. Algumas variedades são tão pouco exigentes que produzem com apenas 50 mm de chuva por ano.

Suporta secas severas e as reservas de hidrato de carbono concentradas nas raízes permitem uma pronta recuperação logo que a planta dispõe de humidade.

Resiste ao ataque dos gafanhotos e de muitos outros insectos, bem como a doenças, sendo das poucas plantas que dispensa o uso de pesticidas.

Dois a três meses após a plantação, apresenta uma cobertura foliar cuja densidade, e sombra impedem o desenvolvimento de capins.

O arranque pode efectuar-se na totalidade do pé ou tubérculo a tubérculo, consoante as necessidades (não é possível conservar a mandioca fresca mais do que dois, três dias após a colheita). Esta grande tolerância na escolha do período de arranque é bastante útil, pois as raízes estão permanentemente como que num armazém natural.

A sua cultura é bastante fácil: o solo, simplesmente arroteado, muitas vezes pela queimada, não recebe regra geral outro tratamento senão uma cava à enxada e, algumas vezes, uma disposição em montículos ou camalhões.

Cont. no próximo número

Paludismo ou malária a mesma doença, o mesmo combate

O paludismo ou malária é uma doença provocada por um ser tão pequeno, que nem o conseguimos ver. É tal e qual um agente inimigo infiltrado no nosso seio, sem darmos por isso e, como qualquer agente do inimigo, estes pequenos seres causam-nos males e prejuízos. Ele vive à nossa custa, à custa do nosso sangue; é afinal um parasita do homem.

E como é que este agente do inimigo consegue infiltrar-se no nosso seio, no nosso corpo? É através da ajuda do seu aliado natural — o mosquito — que se costuma encontrar, sobretudo, dentro e à volta das nossas casas.

Quando o mosquito pica um homem, se ele estiver com paludismo, o mosquito engole alguns dos parasitas que depois transmite à pessoa que picar a seguir.

E como aparece este mosquito? Está aliado do inimigo aparece na água. Põe os seus ovos na água parada dos charcos, lagos e margens dos rios. Até mesmo às águas das chuvas acumuladas num bocado de garrafa, cabaço ou lata, servem para desenvolver os ovos, que, passados uns dias, vão dar origem a novos mosquitos.

E o que acontece ao homem quando apanha esta doença? Ele começa a ter ataques de febre, normalmente acompanhada de arrepios de frio e suor. Embora à primeira vista o paludismo não nos parece perigoso, ele é, na verdade, uma doença muito grave. E porquê? Numa altura em que todos nós temos que esforçar para reconstruirmos o País, em que temos de dar o máximo do nosso esforço para aumentarmos a produção, este agente do inimigo que nos parece ser tão insignificante (ele até nem se vê...) consegue tirar-nos a força, tirar-nos por completo a capacidade de trabalho, pelo menos durante três dias.

O problema torna-se muito mais grave se nos lembrarmos que, na maioria dos casos, a mesma pessoa tem paludismo mais de uma vez durante um ano. No final, tudo isto vai resultar numa grande baixa da nossa capacidade de trabalho, da nossa produtividade, num grande atraso da terra na reconstrução nacional.

Este é um exemplo importante que não devemos esquecer. Estes são, na verdade, os grandes inimigos, os que se encontram disfarçadamente no nosso seio, os que existem entre nós sem os conseguirmos ver.

Que poderemos fazer para acabar com este agressor?

Lutar contra o mosquito.

Temos que nos lembrar que, se conseguirmos acabar com o mosquito, vamos conseguir acabar com o paludismo. O parasita deixa de ter o seu aliado natural, o agente que o infiltra, que o mete no nosso corpo. Se numa zona não houver águas paradas, não haverá mosquitos, pois eles não são capazes de se reproduzir sem essa água. Assim,

vemos como é importante não deixar que se formem charcos de água.

Se o terreno for inclinado, vamos abrir valas de drenagem. Temos de ter muita atenção para que a inclinação do terreno seja boa, pois se for pequena é nas próprias valas que se vão formar charcos, onde se criam mosquitos. Se for muito grande, haverá destruição das paredes das valas. Assim, sempre que construirmos valas devemos verificar se alguma destas situações não se repete. Quando o terreno não é inclinado, devemos fazer o seu aterro, isto é, encher de terra a cova onde a água se acumulou. A seguir, podemos plantar árvores nessa zona, como eucaliptos que, como já vimos, ajudam a secar o terreno. Os eucaliptos têm ainda outra vantagem: os mosquitos não gostam nada do seu cheiro, de formas que este os afasta.

Esta é sem dúvida a maneira mais importante e mais fácil de combater o paludismo, pois é a única forma de o fazermos sem gastarmos dinheiro.

Há, contudo, outras medidas que também contribuem para nos proteger do paludismo, através da luta contra o mosquito.

Pondo redes mosquiteiros em todas as janelas e portas das nossas casas, ou, pelo menos, arranjando um mosquiteiro para colocar à volta da nossa cama, para nos proteger enquanto dormimos. Isto é muito importante, pois é quando estamos a dormir que os mosquitos nos mordem com mais facilidade, sem darmos por isso.

Também podemos ferver folhas de eucaliptos dentro das nossas casas. O cheiro das folhas a ferver ajuda a afastar os mosquitos.

Para as grandes poças de água o óleo queimado — que nos fica barato —, quando espalhado nessas águas serve perfeitamente para matar os ovos e portanto, os mosquitos.

Outra medida importante é limpar muito bem o terreno à volta das nossas casas, principalmente o capim e os arbustos pois é aí que os mosquitos

(Continua na página 4)

◆ A maior reserva da Europa

Os governos da URSS, Polónia e Checoslováquia estão a elaborar o projecto de criação de uma reserva no ponto de reunião das suas fronteiras. A reserva, que será a maior da Europa, ocupará uma área de quase meio milhão de hectares nas montanhas desses três países. A área integrará espécies valiosas de árvores, bem como animais e aves raras.

Crónica — Djito ca tem !!!

— É como te digo. Sou formado em engenharia petrolífera, estudei em Dakar...

(Mas este grço é parvo...)

— O governo senegalês pagou-me uma bolsa de estudos para Paris e...

(É parvo, está dito!)

— Mas mesmo assim, sou filho deste país, e quero ver este país desenvolvido, sabes!

(Querias!!!) Hum, hum...

— Claro que já me ofereceram um emprego na Secretaria de Estado dos Desportos, sabes!

(Ai, ai, agora é engenheiro desportista...)

— Gosto muito de desporto, sabes!

É bom!

— Tenho um diploma de treinador de atletismo, sabes!

Claro! (Se não fosse...)

— Eu gosto deste país!

(Já ouvi!!!) Hum, hum!

— Sou filho daqui, sabes!

Pois...

— Gosto disto!

Pois...

— Em Dakar, sabes, tenho o meu trabalho.

(Qual será? Petróleo, televisão ou desporto?)

— Sabes, já procurei emprego aqui, quero ficar aqui, sabes, mas trabalhar sem receber é difícil, sabes!!!

Pois...

— Mas é preciso trabalhar para desenvolver este país.

Pois... Olha, daqui a uns tempos vamos ter petróleo e vamos precisar dos teus serviços...

— O petróleo é preciso, sabes, mas para as pessoas compreenderem, sabes, que devem poupar energia é preciso que os jornalistas...

(É parvo!)

— façam uma campanha grande, sabes...

Pois...

— O Ministério da Energia devia escrever um artigo e explicar isso às pessoas...

Hum, hum!

— Sabes, no Senegal, hem, eu, por exemplo, podia escrever algo assim para os jornais e era pago, mas aqui...

Éééé! O eterno problema da falta de dinheiro!

— Mas, mesmo assim, é importante fazer isso. O Ministério da Energia faz isso aqui, não?

Não. (Agora são as perguntas). Aqui, o jornalista é que faz ou devia fazer tudo isso. Serviço público, sabes?...

— Huummm!!! Tou a ver. Sabes, mas eu considero que a vida do jornalista é importante, sabes, é preciso que o jornalista viva cada um dos acontecimentos para os poder relatar, transmiti-los a toda a gente. Vocês aqui fazem isso, não?

Éééé!!! Vemos tudo e contamos tudo...

Tiro os olhos do tronco preto de velho do pé de mango do Grande Hotel e fixo a cara dele. Olhos sérios, os dele, a perguntarem se eu estava a prestar atenção ao que ele dizia ou se estava a mangar com ele. «Boas intenções» não lhe deviam faltar a atentar no rosto angelical e sincero.

Naturalidade: senegalês (mas filho deste chão com toda a alma. O corpo ficou em Dakar a «render» dinheiro).

— Façam uma campanha grande, sabes...

Profissão: engenheiro de Petróleo, operador de Televisão, técnico de atletismo, enfim, uma esperança de dinheiro...

Era uma noite, no Grande Hotel. Já tinha emborcado sete cervejas e dois meios-bagaços.

Centros culturais em todas as regiões

Gabu e Canchungo serão centros pilotos

Uma série de remodelações vai dar à Direcção Geral da Cultura maior capacidade de resposta à missão que lhe incumbe: a dinamização da cultura nacional.

Para além de se mudarem os nomes de algumas estruturas, o que significa um alargamento de actividades, há algumas novidades como um Departamento da Casa da Cultura, um Conselho Popular da Cultura e um Conselho Técnico Assessor que irão exigir a colaboração de outras pessoas as quais, se bem que estranhas ao quadro ministerial, desempenham um papel influente no campo cultural nacional.

A mais notória das decisões tomadas pelo Ministro da Informação e Cultura será a criação de Centros Culturais em todas as Regiões, estando já escolhidas Gabu e Canchungo para centros pilotos. Tais centros serão organismos sociais integrados e polivalentes com a missão de enquadrar, e dinamizar as actividades culturais na sua zona de acção. Esta descentralização justifica-se pelo facto de não caber ao Estado o papel de fazer a Cultura mas sim dinamizá-la.

Para a implantação dos centros culturais, ligados à Direcção Geral

da Cultura por um departamento central chamado «Casa da Cultura» o MIC contará com receita da venda de 10 mil livros oferecidos por Portugal à Guiné-Bissau aquando da recente visita do Ministro Filinto Barros àquele país. Também se espera a contribuição de organismos internacionais especializados, nomeadamente, da UNESCO.

Em Bissau, para as novas instalações junto à Marinha, irão a DG da Cultura e o Instituto Nacional do Livro e do Disco (antigo Departamento de Difusão do Livro e do

Disco — DEDILD/Casa da Cultura), ficando também ali a respectiva livraria e discoteca.

A Escola Nacional de Arte (ex-Escola de Música) «José Carlos Schwartz» vai lançar-se na iniciação e desenvolvimento de todas as actividades artísticas, estando a ela adstrita uma Divisão de Produção encarregada da Música, do «Bal-let» e dos conjuntos.

Finalmente, o MIC pretende apelar à contribuição voluntária de entidades e cidadãos na dinamização da cultura nacional. Assim, serão criados um Conselho Po-

pular da Cultura formado por representantes culturais das organizações de massas e outras organizações afins, e um Conselho Técnico Assessor de que farão parte todos os indivíduos ligados a actividades culturais.

São estas as remodelações que, cremos, permitirão levar a bom termo a preconizada dinamização cultural em todo o país, pois esperamos que nesta batalha não ficarão indiferentes quem quer que esteja verdadeiramente interessado no desenvolvimento sócio-cultural do nosso povo.

Paludismo ou malária a mesma doença o mesmo combate

(Cont. das centrais)

gostam de dormir, ficando assim perto das nossas casas prontos para nos picarem.

Devemo-nos preocupar em manter sempre as nossas tabancas e cidades limpas. Todo o sítio onde se vá acumular lixo com latas velhas, capim, etc., é um local onde os mosquitos vão crescer. Assim, devemos ter cuidados com os terrenos desocupados, devemos capiná-los e mantê-los limpos, para que não se transformem em foco de criação de mosquitos.

Para além da luta contra os mosquitos, há que fazer o tratamento de todas as pessoas doentes, pois são verdadeiras fontes de doença através dos comprimidos para paludismo, fazendo uma profilaxia regular.

Ministério de Saúde

Organização social dos manjacos

Uma tabanca manjaca é formada por várias moranças, cada uma delas habitadas por pessoas pertencentes à mesma família. As moranças que constituem a tabanca são de certo modo independentes umas das outras, mas ligadas por várias afinidades tais como a língua, o modo de produzir, a religião, enfim todos os modos de expressão cultural.

A família é formada por um grupo de pessoas que têm ligação consanguínea, baseada no elemento masculino que foi o fundador. De facto a família manjaca é de tipo patriarcal e poligâmica. O grupo de pessoas que compõem uma família, normalmente não vive numa mesma tabanca; vivem espalhados em outros lugares, mesmo no estrangeiro. Esta grande família tem o seu nome que identifica a origem do indivíduo e que permite o reconhecimento

entre membros da mesma «kábukâ». Por exemplo a família de Butache, de Batindin...

Na organização social distinguem-se três níveis:

a) Ao nível da morança, «Kató», é o homem mais velho que tem o poder de decisão. É ele quem decide do início da lavoura, do corte do arroz e da realização de todas as cerimónias familiares. Esta pessoa mais velha, chamada em manjaco «nantoy», antes de decidir, consulta a sua primeira mulher, dona de casa (em manjaco «namâka»).

b) Ao nível da grande família, «kábukâ», também é o homem mais velho entre todos os «bantoy» de cada «kató» que tem o poder de decisão. Mas antes de decidir pede a opinião dos «bantoy» que pertencem à mesma «kábukâ» e, em conjunto, analisam os ca-

Há duas salas de cinema a funcionar em Bissau. Uma no Bairro de Ajuda e outra na UDIB. Se a primeira, (sala improvisada), deve responder à reduzida população de um bairro, à segunda cabe o papel de cinema único da capital. Pela sua localização (no centro da cidade), pela sua capacidade e pelas comodidades que oferece.

Mas, nem estas duas salas juntas dão vazão à quantidade de público cinéfilo que aumenta de dia para dia.

Antes de falarmos do cinema da UDIB, propriamente dito, vejamos qual a situação das duas salas: ambas pertencem a clubes desportivos — privados —, e são regidas na base de sociedades, sendo os primeiros beneficiários aqueles que pagam as quotas, os sócios.

Entre a sala do Bairro de Ajuda e a da UDIB há grandes diferenças, pois só a última preenche, de facto, os requisitos para que lhe seja dado o nome de cinema.

Naturalmente que a escassez de instalações idênticas obriga estas colectividades a abrirem as suas portas ao grande público. A satisfação da necessidade — sede de aprender, curiosidade, ou vício — de ver cinema por razões inerentes à situação da «vida artística» bissauína — entenda-se como tudo o que diz respeito a actividades recreativas —, e pela exiguidade das salas, engendra o «desenrrasque» que trará o suborno, a especulação

dos preços dos bilhetes e os «bideiros». Porque já não é segredo para ninguém que tais práticas se vêm tornando frequentes na UDIB.

Não podemos deixar de felicitar esta colectividade pelas melhorias que, a pouco e pouco, vão sendo feitas naquela sala. Mas também nos parece terem havido mudanças no programa de projecções sem uma nota explicatória ao público. Por semana eram projectados três filmes: um às «matinées» de terças, quintas, sábados e domingos; um outro nas «soirées» de segunda a quarta-feira e um terceiro de quinta a domingo. E, actualmente, retomaram-se as sessões das 10 horas de domingo! Até aqui tudo muito certo. Só que, agora, um único filme pode preencher, ao longo da semana, todas as sessões de «soirée», quando não é projectado igualmente em «matinée», enquanto outros só passam uma sessão e logo no dia seguinte são retirados de cartaz. Segundo parece, a afluência do público é que justifica a permanência de um filme por um ou vários dias.

Nesta ordem de ideias e sendo, como é, permitido a cada cinema da capital ou das outras regiões, escolher os filmes importados pelo Instituto Nacional de Cinema, não há alternativa para os cinéfilos, a não ser que queiram ver a mesma película várias vezes.

Por isso, temos que encontrar uma alternativa para a UDIB.

Morreu A. Correia de Oliveira

Grande perda para a música portuguesa

A canção de intervenção portuguesa perdeu na semana passada um dos seus mais significativos intérpretes. Adriano Correia de Oliveira, 39 anos, vítima de doença hepática.

Manuel Alegre, se guindo-se «Exílio» e «Scu barco», ambos com música de Luís Cília e letras de, respectivamente, Manuel Alegre e Borges Coelho.

Em 1968, Adriano Correia de Oliveira mudou-se para Lisboa, onde trabalhou primeiro no gabinete de imprensa da Feira das Indústrias e depois num estúdio de gravação, onde se mantinha em 25 de Abril de 1974.

Só após a Revolução, se profissionalizou como cantor por — como disse há dois anos em entrevista a «O Diário» — já se poder nessa altura viver da música e m b o r a «em alguns períodos se ande aflito porque o cantor progressista continua a ser discriminado».

Uma das suas últimas actuações ocorreu na festa de solidariedade com os trabalhadores da Agência Noticiosa Portuguesa, ANOP-EP.

Foi em Coimbra que gravou o seu primeiro disco, Noite de Coimbra, que mais tarde caracterizou de «Fuga à forma tradicional do Fado», e foi com a camisola da Académica que se sagrou campeã nacional de voleibol.

O seu primeiro tema de impacto foi «Trova do vento que passa» com poema de

O CINEMA U. D. I. B.

«Record» ao piano

David Scott, australiano, de 33 anos, estabeleceu um novo máximo mundial a tocar piano: a sua maratona musical, realizada na cidade de Wagga Wagga, durou 50 dias. Segundo o estipulado no concurso, o pretendente só tinha direito a um intervalo de cinco minutos por hora.



Condição da Mulher

Por Dr.^a Clotilde Silva

A condição da mulher tem de ser encarada no contexto global do desenvolvimento. Embora não haja uma definição universal da «condição feminina» algumas constantes testemunham uma semelhança das situações e problemas especificamente femininas em todo o Mundo, na África e na Guiné-Bissau.

O processo de desenvolvimento continua a favorecer uma distribuição desigual dos recursos entre homens e mulheres. Os esquemas do desenvolvimento tendem a impedir de uma maneira ou de outra a participação inteira e eficaz da mulher. A mulher é muitas vezes tida em condição de inferioridade e essa situação agrava-se por dependência múltipla, marginalização económica, discriminação e peso dos seus diversos papéis a desempenhar.

A vida citadina aumenta os problemas a numerosas mulheres que se encontram privadas de todo o apoio e colocadas em situação nova de exploração económica e social. Por outro lado, o êxodo para as cidades deixou inúmeras mulheres sós nas zonas rurais com responsabilidades da casa e de fora de casa.

Se o desemprego toca os dois sexos, as mulheres estão realmente em maiores desvantagens. Entre os pobres, as mulheres são menos qualificadas, menos instruídas, com menos possibilidades de emprego, são menos remuneradas e têm mais dificuldades no acesso aos sistemas organizados — sindicatos, por exemplo.

A evolução da situação económica e social terá repercussões profundas sobre a estrutura e funções de família e, conseqüentemente, sobre os papéis desempenhados pelo homem e pela mulher. Nas regiões do país os esquemas tradicionais da vida de família poderão ser alterados, sem alternativa doutros modos da organização. As migrações — rurais ou urbanas, internacionais ou sob forma de movimento da produção para grandes explorações agrícolas ou mineiras, impuseram pressões suplementares sobre a célula familiar. A guerra e as mudanças políticas têm um efeito devastador sobre a família.

A vida da mulher torna-se então mais difícil e as suas responsabilidades mais difíceis de assumir. Cada vez mais, um crescente número de mulheres encontra-se só para suportar os encargos de casa com os magros recursos. Além disso, o aumento de desemprego dos homens aumenta a dependência do salário das mulheres, que estão empregadas em sectores de actividade diferentes ou que recebem salários mais pequenos.

A condição da mulher reflecte alguns dos valores fundamentais da sociedade guineense, porque estes valores dizem respeito ao mesmo tempo às cadeias mais íntimas e mais públicas que unem o homem e a mulher. Ela reflecte também os valores sociais e culturais que representam os filhos e, portanto, o papel da mulher na maternidade.



Desenvolvimento realista

desafogo (relativo) à nossa situação financeira e ambiental.

AUMENTO DE PRODUÇÃO

Para além deste sector, os transportes e vias de acesso às zonas de produção, têm sido os principais pontos de estrangulamento no desenvolvimento do sector agrícola.

Neste sentido, para a materialização do aumento de produção, impõe-se a melhoria das vias de acesso à rede de transportes de molde a permitirem por um lado o fornecimento dos meios e factores de produção aos camponeses e por outro a evacuação dos produtos em tempo oportuno.

Uma das decisões fundamentais do Conselho Económico é sem dúvida a reestruturação proposta para o sector comercial que busca por um lado a vinculação da existência do comerciante retalhista rural à sua capacidade de comercialização de produtos agrícolas exportáveis e por outro lado uma retribuição mais justa do camponês pelo seu trabalho. Consideramos que essa retribuição poderá ser decisiva para a dinamização da produção agrícola e o seu subsequente aumento acelerado. O camponês a quem se pede o maior esforço de produção neste país e a quem em tão pouco se dá, tem de ser melhor retribuído, principalmente em mercadorias de consumo corrente que queremos que ele produza mais e melhor.

É para todos evidente que as transformações que queremos levar a cabo no sector comercial vão ter as implicações políticas, sociais e económicas que têm de ser devidamente estudadas, previstas e controladas, e também não menos evidente que a situação actual das estruturas comerciais é perfeitamente inadequada às nossas realidades e que ela nos conduziria inevitavelmente ao desastre.

Temos de ser capazes de implementar as novas estruturas e devemos pôr todo o nosso empenho e todos os quadros necessários na realização desse objectivo.

No nosso país, o sector que poderá conhecer um desenvolvimento mais acelerado e contribuir decisivamente e a curto prazo para um relativo equilíbrio na nossa balança de pagamentos é o sector das Pescas. No entanto, a situação neste sector não é a desejável, e se exceptuarmos os projectos de pesca artesanal, nada marcha, satisfatoriamente e a tal ponto que não conseguimos sequer abastecer o mercado interno.

É necessário rentabilizarmos os investimentos já realizados, tentarmos encontrar novos parceiros e levar a cabo empreendimentos rentáveis que nos permitam aumentar substancialmente as exportações. Nesse domínio se poderão cifrar em muitos milhões de dólares.

POLÍTICA DE INVESTIMENTOS

O Conselho Económico procedeu a uma análise bastante profunda do sector empresarial do Estado tirando conclusões pertinentes acerca do sector moderno da nossa economia em que devemos agir com

seriedade, dinamismo e fundamentalmente realismo. Devemos eliminar, fechar as empresas inviáveis; devemos dotar de uma gestão adequada as rentáveis e necessárias, indo buscar os quadros onde eles estiverem.

O Conselho fez também recomendações pertinentes no sentido da definição de uma política de investimentos realista e que tenha em consideração as nossas realidades sociais, políticas e económicas. Parece-nos extremamente importante que, nos sectores das pescas, da produção agropecuária para exportação e da exploração e melhoramento dos recursos florestais, sejamos capazes de procurar parceiros para constituirmos sociedades mistas, parceiros que além de arriscarem os seus capitais nesses empreendimentos tragam consigo a capacidade tecnológica e de gestão necessárias e cuja ausência tem sido uma das principais dificuldades com que enfrentam as nossas empresas.

Devemos também definir claramente as áreas de actuação do capital estrangeiro no nosso país.

Temos de rapidamente rever, adaptar o código de investimentos para que defina com realismo o lugar que deve ocupar o investimento estrangeiro no nosso esforço de desenvolvimento, tanto em regime de associação com capitais nacionais, como isoladamente.

O programa de estabilização económica e financeira que acabamos de aprovar, necessita um financiamento importante para a sua materialização. Neste sentido, esperamos que a Comunidade Internacional continue a manifestar a sua solidariedade em relação ao nosso país, particularmente neste momento em que estamos a criar as bases indispensáveis à realização do nosso I Plano Quadrienal e portanto ao relançamento da nossa economia.

Queremos aqui fazer um apelo particular aos países e organizações amigos e às organizações internacionais que tanto têm contribuído para que possamos romper as cadeias do subdesenvolvimento.

Camaradas, estamos num ponto crucial da história do nosso país. O Movimento do 14 de Novembro criou as condições políticas necessárias para que se efectuem as reformas necessárias ao relançamento da nossa economia e a dinamização do nosso processo de desenvolvimento, em suma, ao cumprimento do Programa do Partido e chegámos ao momento em que, ou fazemos as reformas necessárias ou caminharemos para o desastre total e a nossa geração carregará a pesada responsabilidade histórica de fazer fracassar a obra de Cabral.

Vamos pois, camaradas, implementar as medidas preconizadas pelo programa de estabilização económica, aplicar as medidas pertinentes de «redressement» que se impõem e caminhar decididamente para a recuperação económica do nosso país e a realização dos objectivos maiores do nosso Partido.

Vamos traçar o caminho correcto, na direcção que Cabral nos legou para levarmos o nosso povo ao progresso, ao bem-estar e à paz.

Troféu "Eyadema"

O Secretário-Geral da UFOA anunciou em Abidjan que os clubes do Ghana, Guiné-Bissau (U. D.I.B.) e Benin, já confirmaram a sua participação na Taça «Eyadema», instituída pela UFOA. Segundo a mesma personalidade, a data limite para a inscrição das equipas, nesta prova, termina a 30 de Novembro próximo.

Por outro lado, a Comissão Organizadora já determinou as diferentes etapas para a realização das eliminatórias da sétima edição desta prova: a fase preliminar será disputada, a primeira mão de entre dia 8 a 10 e a segunda de 22 a 24, de Abril de 1983; os quartos de final, primeira mão, 3 a 5 de Junho e segunda de 17 a 19 de Junho, e para as meias finais, a primeira mão será disputada de 15 a 17 e a segunda de 29 a 31 de Julho de 1983.

A final desenrolar-se-á nos dias 16 a 18 para a primeira mão e a segunda a 30 de Setembro do próximo ano.

CLUBES CAMPEÕES

As formações de Kotoko, Enugu, Nacional e Lupopo defrontam-se neste fim de semana, para as meias finais da 18ª Taça africana dos clubes campeões.

O encontro Enugu Ranger (Nigéria)-Nacional S.C. (Egipto) tem melhor equilíbrio do que o despique entre os ghanenses de Ashanti Kotoko, favoritos à partida, e os zairotas de F.C. de Lupopo.

De salientar que os clubes de Ghana, nas provas africanas, estão em vias de realizar uma grande proeza: vencer a Taça dos Campeões, a Taça das Taças (na primeira mão das meias finais, o Hearts of OAK fez um pulo no Cairo contra Arabs Contractors, 1-1) e na Taça UFOA (na primeira mão da Final, Sekonfi Hasaacas impôs-se na Nigéria frente ao Spartan, 1-0).

NATAÇÃO: EGÍPTO CAMPEÃO

Marrocos ocupou a segunda posição do torneio de polo aquático dos campeonatos africanos de natação, ao bater o Sudão por 25-1, enquanto o Egipto sagrou-se campeão antes da última jornada e estará presente nos J. Olímpicos de Los Angeles.

No concernente às outras provas, três novos recordes foram estabelecidos. Nos 100 metros (senhora) a zimbabweana Lynne Tasker realizou 1 minuto 20 segundos e 41 décimos, melhorando a antiga marca pertencente à nigeriana Ngozi Enowuco, nos 200 metros (homens), o egípcio Aymannadim percorreu-os em 2 minutos, 34 e 8, batendo o recorde do tunisino Bouchlaghem Samir e, por último, o Egipto bateu o recorde dos 4x100 metros (homens) em 4 minutos, 9 e 15 décimos, anteriormente na posse da Tunísia.

FUTEBOL EUROPEU

Algumas surpresas mas sobretudo belas vitórias no campo do adversário marcaram a primeira fase da segunda volta das competições europeias em futebol. Com alguns resultados virtualmente confirmados na primeira mão, muitas equipas esboçaram sérias opções para a qualificação.

Das equipas portuguesas, o F.C. de Porto comprometeu seriamente a sua qualificação ao ser derrotado pelo Anderlecht (Bélgica) por 4-0 e o seu parceiro na competição UEFA - Benfica venceu, na «Luz», o Lokeren por 2-0. O Sporting viajou até Bulgária onde arrancou um empate a duas bolas frente ao C.S.K.A. de Sófia. O Rapid de Viena bateu Wieszew Lodz (Polónia) por 2-1 e Hambourg (RFA) bateu tangencialmente Olimpiakos do Pireu (Grécia) por 1-0, isto na Taça dos Campeões. Na Taça das Taças, o Estrela Vermelha de Belgrado Jugoslávia perdeu, em casa com F.C. de Barcelona por 2-4 e Tottenham empatou com o Bayern de Munique a uma bola.

Ajuda-Benfica na 2.ª jornada

Um jogo que promete

Devido à final da Taça das Nações Unidas a disputar amanhã, entre o Sporting de Bafatá e a UDIB, foram adiados três jogos, da segunda jornada do Nacional de futebol. Assim, foram marcados para segunda-feira o encontro Ajuda-Benfica, na quarta-feira Quinara-Sporting de Bafatá e Bissorã-UDIB. O encontro Estrela Negra de Bissau -Balanças, inicialmente previsto para segunda-feira, só será disputado na terça-feira.

Entretanto, segundo a FNF, o jogo em atraso entre as formações do Desportivo de Farim e F.C. de Tombali, correspondente à jornada inaugural efectuar-se-á, igualmente, na próxima quarta-feira.

Da segunda jornada, o jogo Ajuda-Benfica é catalogado como sendo o mais emocionante da semana e promete, pelo menos, devido aos no-

mes dos opositores em campo, futebol de primeira. Isto porque, os campeões dão outra «côr» ao jogo quando carregam no acelerador - foi evidente no jogo com o Ténis. Todavia, este factor encontra-se anotado na agenda dos ajudistas já que o seu novo treinador esteve a «espionar» a movimentação dos encarnados na terça-feira.

Hoje à tarde, no «Lino Correia», os protagonistas são o Ténis e o F. C. de Cantchungo, que se estreia na capital esta temporada. Amanhã serão disputados nos diferentes campos do interior, três jogos: o Sporting de Bissau, caso consiga estar presente em Tombali utilizando como meio de deslocação a via marítima ou aérea - devido à péssima condição da estrada - defrontará o F.C. de Tombali. Enquanto no Leste, o Desportivo de Gabú

terá como visitante a formação de Farim, o Estrela de Bolama deslocar-se-á a Bula, onde defrontará o Bula F.C. que por decisão federativa perdeu o ponto conquistado em Cantchungo, na jornada número um, por ter utilizado ilegalmente, neste jogo, o atleta Malam Cassamá.

CASTIGOS FEDERATIVOS

Além da perda de ponto, o Conselho Disciplinar da FNF puniu a formação bulista com a multa de 500,00 pesos nos termos do regulamento em vigor.

Por sua vez, as formações do Ajuda Sport, Estrela de Bolama, U. D.I.B., Bafatá e Quinara foram repreendidas pela Federação por atrasos na entrega de fichas técnicas aos árbitros encarregados de dirigir os encontros em que toma-

ram parte na primeira jornada. Ainda em maré de castigos, os atletas Alberto Gaspar Lopes e Ansumane Sally (Cantchungo), Braima Djalló e Duarte da Silva Lopes (Quinara) foram igualmente punidos com três jogos de suspensão.

Enquanto isso, a Federação Nacional de Futebol chama a atenção dos clubes para o cumprimento rigoroso das horas estipuladas para início dos jogos com o fim de evitarem sanções disciplinares.

CAMPEONATO DE JÚNIORES

Segundo informações oficiais, encontram-se abertas inscrições, na sede da Federação, para admissão de atletas para o campeonato de juniores do sector Autónomo de Bissau.

VIII Conferência da zona-2

Taça Amílcar Cabral em Julho

O torneio da Taça Amílcar Cabral, só será efectuado no mês de Julho de 1983 e não em Fevereiro. Esta decisão foi tomada em Mali, durante os trabalhos da VIII Conferência dos Ministros da Juventude e Desporto da Zona-2. Segundo Amílcar Hamelberg, de Secretaria de Estado da Juventude e Desporto, a Mauritânia, palco do próximo torneio, concluirá as

obras da instalação eléctrica do estádio muito depois de Fevereiro.

Os ministros aprovaram, por outro lado, os estatutos que regerão a nossa zona desportiva, enquanto Mali venceu a candidatura para a Presidência, tendo por isso o Secretariado transitado de Dakar para Bamako.

Entretanto, o torneio de basquete na categoria de júnior terá lugar

no próximo ano na Gâmbia. O que se realizou recentemente no Mali foi conquistado pelo Senegal.

A nossa delegação à VIII Conferência foi chefiada por Amílcar Hamelberg, Director da S.E.J.D., e integrada ainda por Serafim Carvalho, vice-presidente da FNF e Armando Dabó, funcionário da S.E. J.D..

Bafatá-UDIB amanhã

O Sporting de Bafatá e a UDIB são os finalistas desta quinta edição da Taça das Nações Unidas, precioso troféu instituído pelo PNUD.

A UDIB, presente em todas as edições, com excepção em 1979, venceu a primeira em 1978. Com mais esta chance pode vir a igualar o Benfica quanto a vitórias por edições. No entanto, o Sporting de Bafatá, estreante nesta prova nacional, espera ver o seu nome inscri-

to como vencedor deste troféu.

Pelo facto, entrámos em contacto com as equipas em questão. Em Bafatá conseguimos falar com Francisco Quadros, chefe da Secretaria e 2.º Secretário da Direcção que nos afirmou: «Estaremos lá (em Bissau) em plena força e jogando a 100 por cento com o objectivo de representar a região de Bafatá». «Moralizado - segundo o nosso interlocutor - Bafatá conta sair do

torneio com a cabeça levantada».

Domingos Cá, um dos treinadores da UDIB, ao ser indagado afirmaria «estamos a trabalhar para vencer a final e estou convicto de que ganharemos pela segunda vez este torneio». O plantel das duas equipas não foi revelado, mas Domingos Cá promoveu alterações tanto na linha avançada como na intermédia. Portanto, disse, não é a mesma linha de domingo passado».

Totobola

O escrutínio realizado nos serviços de Totobola apurou um único totobolista com 12 resultados certos cujo prémio monta em 39 677,50 pesos. Entretanto, com onze apostas certas apuraram-se 25 apostadores, cabendo a cada um a quantia de 1 587,00 pesos.

Publicamos a chave do concurso n.º 9 desta quinta época do Totobola.

Guimarães-Estoril	x
Marítimo-Salguei.	x
Porto-Setúbal	1
Rio Ave-Boavista	1
Amora-Espinho	1
Alcobaça-Braga	2
Portim.-Sporting	2
Feirense-Penafiel	1
Sanjoan.-P.Ferreir.	1
Estarreja-Acadé.	x
Águeda-U.Leiria	1
Atlético-Faren.	x
Barreiren.-Belenen	x

Anúncios

Por este meio se faz saber que o Ministério de Administração Interna, Função Pública e Trabalho aceita a ins-

crição de candidatos, até ao dia 30 do corrente para preenchimento de 1 lugar de

Bibliotecário, a que corresponde a categoria de 3.º Oficial.

Os candidatos serão

submetidos a um teste e devem ter conhecimento de FRANCÊS e de INGLÊS.

A fome e a pobreza Um desafio

Resolver o paradoxo da fome e dos excedentes na produção agrícola é a tarefa política mais importante actualmente no mundo — declarou o ministro austríaco da Agricultura, Guenther Haiden.

Num discurso por ocasião do Dia Mundial da Alimentação, o ministro precisou que dos 4 bilhões de pessoas existentes no mundo 500 milhões são subalimentadas, e que 50 milhões morrem de fome cada ano.

Segundo o ministro austríaco, a luta contra a fome e a pobreza é um desafio que se coloca aos países industrializados.

O Dia Mundial da Alimentação começou a ser comemorado desde o ano passado pelos países membros da Organização da ONU para a Alimentação e a Agricultura (FAO), na data do aniversário da criação deste organismo, registada em 1948.

Por seu lado, o dr. Halfdan Mahler, director-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), em visita oficial ao Mali, declarou em Bamako que o fosso aumenta cada dia mais entre pobres e ricos no mundo. O dr. Mahler afirmou que esta situação poderá provocar «a fúria que fará explodir a maior bomba de retardamento da história da humanidade».

Direito dos palestinianos a uma pátria reconhecido pela Europa

O Parlamento Europeu pronunciou-se na sexta-feira passada, pela primeira vez, a favor da criação de «uma pátria para o povo palestiniano», em moção sobre o Líbano aprovada com os votos dos grupos conservador, liberal, democrata-cristão, socialista e dos comunistas italianos e gregos.

Os deputados do Parlamento dos dez países da CEE exprimiram «solidariedade para com o povo palestiniano nas suas provações» e afirmaram que o conflito israelo-árabe apenas pode encontrar uma solução global mediante «o reconhecimento político de todos os Estados da região, a concessão de uma pátria ao povo palestiniano e a reposição da soberania total do Estado libanês».

GOVERNO DE ISRAEL É «SEMIFASCISTA»

O governo sionista de Israel foi qualificado de «semifascista» pelo Primeiro-Ministro da Áustria,

Bruno Kreisky, que acusou o regime de Tel-Aviv de seguir os princípios do «apartheid» e de mostrar o oposto do respeito pelos direitos humanos.

Interrogado sobre o que pensava acerca da política do governo de Menahem Begin em relação aos recentes massacres de palestinianos em Beirute, Kreisky classificou o regime israelita como «um governo que representa o princípio do apartheid, porque — disse — em Israel há um povo que usufrui direitos inferiores e outros que usufrui direitos superiores».

Entretanto, Alfredo Buonavita, um dos fundadores do grupo de guerrilha urbana italiana, Brigadas Vermelhas, declarou que os serviços israelitas ofereceram armas e dinheiro à sua organização, para ajudar os esforços de desestabilização da sociedade italiana. A mesma acusação já tinha sido feita em Abril por outro guerrilheiro, numa sessão de julgamento do caso Aldo Moro.

Cooperação militar entre Moçambique e Zimbabwé

Delegações de Moçambique e do Zimbabwé, dois países que são alvos de desestabilização provocada pelo regime racista da África do Sul, reuniram-se no início desta semana na Beira, no centro de Moçambique, a fim de examinarem a cooperação económica e militar comum.

As conversações entre Maputo e Harare seguiram-se aos ataques lançados pelos bandos do Movimento Nacional de Resistência de Moçambique (MNR), um grupo contra-revolucionário manipulado pela África do Sul, ataques que visam afectar o comércio e as comunicações que os dois regimes progressistas da África Austral tentam estabelecer entre si.

«Nenhuma cooperação económica é possível enquanto não for garantida a segurança» — afirmou Emmerson Munangagwa, ministro da Segurança do Zimbabwé, que dirigia a delegação do seu país, integrada ainda por Simba Makoni, ministro da Energia. Os ministros moçambicanos das Finanças, Rui Baltazar, da Segurança, Ja-

cinto Veloso, e dos Transportes, Luis Alcântara Santos, formam a delegação de Moçambique.

Na segunda-feira, os terroristas do MNR, que são armados e abastecidos pelo exército sul-africano, danificaram uma estação de bombagem do oleoduto moçambicano que leva petróleo do porto da Beira até o Zimbabwé.

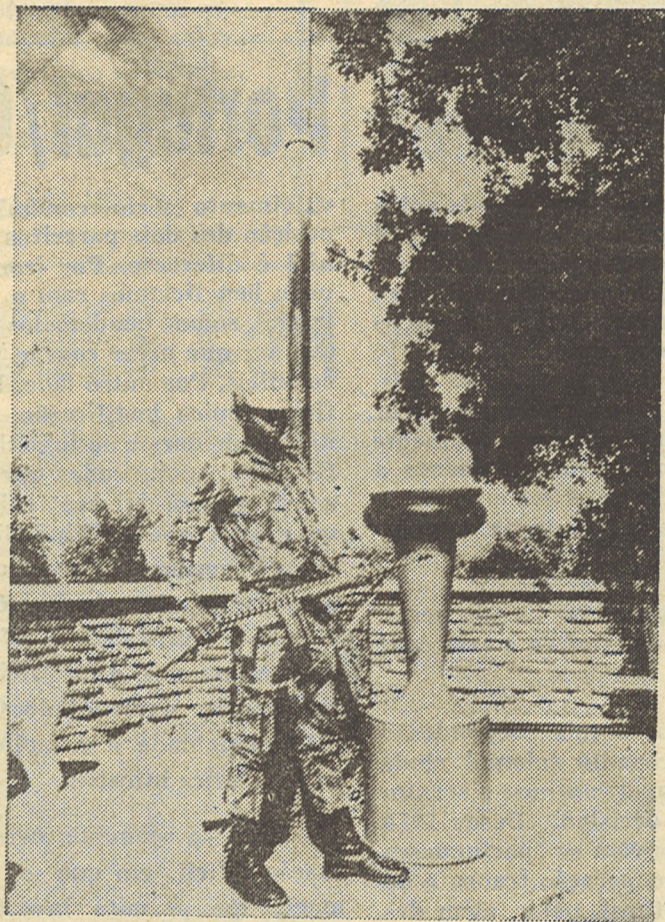
Os objectivos destas sabotagens é impedir que os Estados africanos independentes da África Austral escapem à dependência económica em relação ao regime de Pretória, de quem alguns ainda dependem para o seu abastecimento externo.

Com o objectivo de assegurar a sua independência económica, Moçambique e o Zimbabwé reforçaram as suas relações logo a seguir à libertação do Zimbabwé, em 1980. Mas esta cooperação tem sido sabotada pela África do Sul, por intermédio de grupos armados que actuam nos dois países, particularmente no território moçambicano, utilizando falsos argumentos nacionalistas.

Embora as autoridades

des militares dos dois países estejam em contacto permanente, o exército zimbabweano nunca participou nas operações contra o MNR em território moçambi-

cano, limitando-se a patrulhar ao longo da fronteira comum, a fim de impedir os terroristas de se refugiar no Zimbabwé.



O monumento da chama eterna erigido em Harare em honra dos heróis da luta de libertação do Zimbabwé (Foto ADN)

Impasse na descolonização da Namíbia

Sem citar directamente algum país, o jornal chinês de língua inglesa — o «China Daily» — indicou que uma certa «superpotência» é responsável pela agravação da situação na Namíbia».

Com efeito, nenhuma lógica pode justificar a eternização da presença colonial sul-africana na Namíbia.

O argumento da África do Sul de que permanece na Namíbia para proteger a minoria branca deste território da violência dos nacionalistas da Swapo não tem o mínimo cabimento. Se exemplo era necessário, os dois anos de independência do Zimbabwé provaram, suficientemente, a

possível coexistência de negros e brancos.

Quanto à incapacidade dos namibianos de se autogovernarem, é uma ideia ainda menos convincente do que a primeira. O Gabão, de tão vastas dimensões territoriais como a Namíbia, e de igual escassez populacional que o Sudoeste Africano, é independente há mais de 20 anos, sem que daí tenha advindo nenhuma tragédia.

Incapaz de justificar o injustificável, e na tentativa de influenciar o futuro poder na Namíbia, o regime racista de Pretória põe como condição para a aceitação do plano da ONU para a in-

dependência da Namíbia a retirada das tropas cubanas de Angola.

Este último subterfúgio também é destituído de fundamento, e foi considerado inaceitável pelos países ocidentais que cooperam com a África do Sul, com excepção dos Estados Unidos da América.

Apesar da presença cubana em Angola não ter nenhuma ligação com a descolonização da Namíbia, mas sim com a ameaça sul-africana à soberania angolana, o governo deste país aceitou o exame da retirada cubana, com a condição de Pretória deixar de constituir uma ameaça e de desocupar o Cunene.

NORMALIZAÇÃO

BANJUL — O recolher obrigatório, instaurado a partir da meia-noite até às seis horas na Gâmbia, depois da revolta de 30 de Julho de 1981, foi completamente levantada no último domingo, anunciou a presidência da República gambiana.

No entanto, o estado de urgência, decretado na mesma altura que o recolher obrigatório, permanece ainda em vigor em todo o território da Gâmbia.

ENRIQUECIMENTO

ACCRA — O presidente Jerry Rawlings do Ghana declarou que o seu governo não incomodaria os cidadãos que se enriquecerem legalmente, com a condição de cumprirem as suas obrigações em matéria de impostos.

Rawlings, que falava para o pessoal do hospital Panvtang, afirmou que ia tomar todas as medidas para impedir os homens de negócios desonestos de explorar novamente a situação.

CONDENAÇÃO

NAIROBI — Um assistente da universidade de Nairobi, Maina Wa Kinyati, foi condenado na segunda-feira a seis anos de prisão, acusado de estar na posse de uma publicação «sediciosa», intitulada «a política de Moi (presidente da República) que semeia a divisão».

Um estudante, Titus Adungosi foi também recentemente condenado a dez anos de prisão, enquanto um outro professor, Vincent Otieno, e mais 52 estudantes aguardam julgamento na cadeia, acusados de «sedição» durante a tentativa de golpe de estado de 1 de Agosto.

SITUAÇÃO NO TCHAD

LAGOS — O Conselho Democrático Revolucionário (CDR), uma das tendências político-militares do Tchad, dirigido por Acheikh Ibn Oumar, afirmou ter abatido no Tchad um «avião americano do tipo Transall» a 13 de Outubro.

Um comunicado deste movimento indicou que o avião tinha a seu bordo três técnicos americanos e 15 soldados das Forças Armadas do Norte (FAN), de Hissene Habré, e que foi abatido na região do Guerra, a 25 quilómetros de Mongo, no centro do país.

EFEITOS DA GUERRA

JERUSALÉM — Cerca de 600 soldados israelitas foram hospitalizados devido a perturbações psiquiátricas que contraíram durante a invasão do Líbano, revelou-se no decurso dum congresso médico no hospital «Tel-Hashomer» de Tel-Aviv.

Bissau e Lisboa analisam cooperação

Prossegue em Bissau a reunião da Comissão Paritária entre Guiné-Bissau e Portugal iniciada na quinta-feira, no Ministério dos Negócios Estrangeiros, devendo a Comissão Mista inaugurar os trabalhos hoje, sábado. As sessões do primeiro organismo, que trata de problemas económicos e financeiros, têm sido marcadas com encontros entre os delegados de diversas empresas, nomeadamente os Armazéns do Povo, a Guiné-Mar, Instituto Nacional de Seguros e Previdência Social e a Siló Diata, pela parte guineense, e a Tabaqueira, a Companhia Nacional de Navegação, os Seguros e Império e a TAP, pela parte de Portugal.

Na sua intervenção durante o acto de abertura, Victor Freire Monteiro, Ministro da Economia e

Finanças e chefe da delegação guineense à comissão paritária, enalteceu a evolução das relações entre os dois países tendo afirmado que os últimos contactos entre as duas partes facilitaram grandemente os trabalhos ora iniciados. Por seu turno, o Secretário de Estado português para a Cooperação, Luís Fontoura, que conduziu as duas delegações às conversações, congratulou-se pela abertura, amizade e compreensão mútua constatadas da parte das autoridades guineenses, o que irá tornar mais actuante a cooperação e a amizade entre ambos países.

COOPERAÇÃO EXEMPLAR COM EX-COLÓNIAS

O Secretário de Estado português para a Cooperação classificou de exemplar e com resul-

tados extraordinários a cooperação entre Portugal e as suas ex-colónias que, segundo ele, reveste-se de carácter essencialmente bilateral e obedece às prioridades dos jovens Estados, na base de igualdade e interesse mútuo.

Luís Fontoura, falando aos jornalistas à sua chegada a Bissau, na quarta-feira, afirmou que depois da independência foi possível iniciar o diálogo franco com esses países, partindo de zero. «Falamos com a própria boca e discutimos olhos nos olhos» disse a propósito.

A adesão de Portugal à CEE, um acto político que pode beneficiar as relações desse país com as suas ex-colónias, o diálogo Norte/Sul, no qual a Europa terá que assumir a sua responsabilidade, contribuindo

para a resolução dos problemas que se colocam a esses países, foram alguns dos pontos abordados por aquele membro do Governo português.

O chefe da delegação portuguesa referiu-se ainda aos momentos polémicos vividos por seu país, resultante da revisão constitucional que teve a aprovação da maioria dos partidos, o que considera normal num Estado de democracia. Informou ainda das actividades diplomáticas desenvolvidas por Portugal com vista a encontrar uma solução ao problema de Timor-Leste que, segundo ele, deve constituir preocupação para todos os países que amam a paz, em particular para Portugal, com responsabilidades morais, enquanto antiga potência administradora.

Presidente regressou

O Presidente do Conselho da Revolução, camarada João Bernardo Vieira, afirmou à chegada a Bissau, ontem à noite, vindo de uma visita privada e de trabalho à França e Itália, que os governos desses países mostraram-se dispostos a reforçar a cooperação com o nosso país em diversos domínios.

O Chefe de Estado guineense, que foi acolhido no aeroporto pelo Primeiro-Ministro e dirigentes do Partido e do Governo, informou que a França vai garantir material e peças sobressalentes para as 50 viaturas oferecidas às F.A. R.P., bem como camiões e autocarros para as nossas Forças Armadas.

As duas partes discutiram ainda a concessão de um crédito de 50 a 100 milhões de francos franceses que seriam depositados nas instituições bancárias francesas e que asseguraria a aquisição de material e outros bens necessários,

Nino Vieira manteve conversações com os seus homólogos François Mitterrand, da França, e Sandro Pertini e foi recebido pelo Papa João Paulo II. Nesses encontros, foram analisadas a situação política internacional e a cooperação com aqueles estados.

Deste modo, existem perspectivas de uma mais contribuição da Itália para o nosso desenvolvimento, tendo o Presidente italiano manifestado desejo de alargar a cooperação a novos domínios. Com a Santa Sé foi discutida ajuda à Educação e à Saúde. Nino Vieira teve ainda encontros com os nossos emigrantes em França que manifestaram vontade de investir no domínio da construção civil e com os nossos estudantes em Itália. França e Guiné-Bissau discutiram ainda acordo sobre mão-de-obra, que poderá contribuir para entrada de divisas no país.

Ponto de ordem: Portugal/Guiné-Bissau—que relações?

Dentro de algumas horas, Bissau será o palco das negociações com Portugal, no âmbito de Comissão Mista. Far-se-á o balanço da cooperação geral entre os dois países. Dada a situação difícil da nossa economia neste momento, toda a atenção está virada pelo debate na Comissão Paritária.

Muito do que se virá passar no nosso país, dependerá das resoluções a serem tomadas nesta Comissão (Paritária), que aborda exclusivamente os problemas económicos, mais concretamente a nossa dívida em relação a Portugal e sobretudo a situação das empresas Mistas (bastante discutíveis).

A ocasião é propícia para, dum modo geral, fazermos um pequeno balanço relativo a esta cooperação.

A característica duma economia dependente como a nossa, com o seu circuito colonial ainda marcante, faz com que Portugal continue a ser um parceiro importante senão decisivo. Desde 1974 até aqui, as nossas relações com os portugueses têm-se pautadas por uma cooperação franca e de certo modo dinâmica. Portugal, para além das transformações havidas no seu xadrez político, tem respondido duma forma positiva as nossas solicitações. Até aqui tudo normal e dentro de binómio rico-pobre.

Pensamos no entanto que Portugal pode e deve fazer mais para Guiné-Bissau. A própria História aponta para isso. Ambos, somos herdeiros dum passado colonial ainda recente que, quer queiramos quer não, marcou e marcará as nossas relações. Se é certo dizer que, a independência não se resume ao içar da Bandeira Nacional, também é justo frisar que a descolonização não termina com o arear da bandeira do ocupante. Portugal tem responsabilidades históricas perante o desen-

volvimento sócio-económico da Guiné-Bissau. A posição dos dois parceiros perante a herança colonial é diferente. Por ironia da história, nós que nada beneficiamos com o colonialismo, (pelo contrário), somos condenados geográfica e socialmente a ter que arcar com o peso das consequências coloniais. Por outro lado, Portugal que tudo beneficiou (única justificação real da presença colonial) pode dar-se ao luxo de esquecer esse passado. Estamos esperançados que a classe política portuguesa não se deixará cair nessa armadilha. Isto quer dizer que a Guiné-Bissau não pode ser vista pelos governantes portugueses como mais um país a cooperar. As relações têm que ser preferenciais e como é lógico dado a diferença abismal entre as duas economias, o benefício de momento terá que pender para o nosso lado. O benefício mútuo e em pé de igualdade, a ser aplicado, redonda neste caso em autêntica injustiça.

A nossa economia necessita, para sair da situação difícil em que se encontra, duma ajuda maciça que permita investir em vários sectores duma forma rentável e criar assim infra-estruturas necessárias a uma dinâmica desenvolvimentista. Portugal, apesar dos seus problemas tem condições para nos ajudar. Mas terá que ser uma ajuda com reembolso a longo prazo, caso contrário será difícil o processo de acumulação.

Essa ajuda deverá recair sobretudo no sector comercial, isto é, no envio de bens de consumo e intermediários, de modo a podermos reconstituir os stocks comerciais.

Não esqueçamos que no nosso país os bens de consumo exercem o papel de bens de investimen-

to. A reposição do stock irá incentivar a produção agrícola, aumentando deste modo a nossa exportação, já que a fuga para os países limítrofes (zona franco) sofreria uma grande quebra. O aumento de exportação de matérias-primas e semi-acabados exercerá de certo o papel de arrasto na nossa economia.

Em termos práticos, o que se propõe é muito menos aquilo que a França dá aos seus parceiros africanos cobrindo-lhes monetariamente. Confundir essa forma de ajuda com o neocolonialismo é um erro de miopia histórica.

Em conclusão, Portugal terá que fazer uma análise realista «esquecendo» de momento as nossas dívidas e decidir a ajudar-nos maciçamente de modo a permitir a criação duma dinâmica económica que decerto irá aumentar o mercado do produto português evitando o estrangulamento previsível das pequenas unidades fabris portuguesas que poucas hipóteses têm frente aos colossos monopolistas ou oligopolistas do Mercado Comum Europeu.

Após a última reunião do Conselho Económico, a Guiné-Bissau encontra-se mais aberta a investimentos do capital estrangeiro em áreas onde será possível valorizar a nossa matéria-prima, tornando-a exportável. Aqui igualmente a presença portuguesa é bem-vinda.

Que pensarão os portugueses de tudo isso?

Será o limiar duma zona escudo à semelhança da zona franco, o nosso grande e verdadeiro adversário?

FICHA TÉCNICA — JORNAL «NO PINTCHA»; AV. DO BRASIL, C. P. 154 — BISSAU

António Soares (Director em exercício); João Quintino (Chefe de Redacção em exercício)

REDACÇÃO: António Tavares, Baltazar Bebiano, Carolina Fonseca, Fernando Jorge, Fernando Perdigão, João Fernandes, Pedro Albino, Pedro Quadé, Raimundo Pereira, Teresa Ribeiro. MAQUETAGEM: Cândido Camará. FOTOGRAFIA: Agostinho Sá, Casimiro Cá, José Tehuda, Manuel Costa, Mário Gomes, Pedro Fernandes. SECRETARIA DA REDACÇÃO: Eurídice Gama, Idel Miranda, Ivete Monteiro.